



MADALENA E EU

Margarida Fonseca Santos
Maria João Lopo de Carvalho

O	P	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O



1. PAI

Ser pai de uma família de sete? Querem saber como é? Bom... é um desafio constante. Um desafio bom, atenção!, adoro a minha enorme família.

Claro que já houve momentos assustadores. O mais difícil de todos foi, certamente, o primeiro ano de vida da Madalena.

Quando nos disseram que ela nascera com um problema cardíaco e que precisava de ser operada logo naquele trimestre, sentimos, eu e a Teté, que o mundo tinha desabado sobre nós. O parto correrá tão bem, estávamos tão felizes e, zás!, uma bomba explodiu na nossa família.

Quando soubemos o que se passava, a Madalena tinha dois dias de vida. Era tão pequenina, tão frágil! Não conseguíamos imaginar que lhe iam abrir o tórax, mexer num coraçãozinho que só podia ser minúsculo... Nessa noite, ainda sem a Teté e a Madalena em casa, o jantar foi um emaranhado de silêncios e lágrimas. Depois das

primeiras brincadeiras feitas na véspera acerca do tom de pele moreno, tão ao contrário das irmãs, e do cabelo escuro, tudo arrefeceu.

Tive com a Maria e o Miguel uma das conversas mais difíceis de que me lembro! Por serem os mais velhos, quiseram saber todos os pormenores. Vi os dois crescerem nessa noite, ali, diante dos meus olhos. Falámos até altas horas da noite, encaixados no mesmo sofá da sala. Vimos filmes tolos e séries repetidas, tudo o que nos arrancasse da realidade da Madalena, da operação, do perigo de vida que corria, de tudo. O sossego da casa dizia-nos que estavam todos deitados. Todos, menos nós.

Hoje, quando recordo esses dias de pensamentos desgovernados e de ansiedade horrível, parece que foi um pesadelo apenas. Contudo, não foi! A operação foi marcada para uma quarta-feira, o dia em que a Madalena fazia um mês e meio. Não adiantava tentar que os meus filhos e a Alice esperassem por notícias em casa – todos queriam estar no hospital ao nosso lado. Foram minutos – horas! – de aflição. Mas, quando o médico veio ter connosco e não nos chamou, a mim e à Teté, à parte, percebemos que corraera tudo bem. O pós-operatório seria delicado, mas a Madalena estava livre de perigo! Esperavam-nos ainda muitas noites em que ela chorava muito, pois era preciso cicatrizar tudo o que fora remexido. Custava tanto ouvi-la!

Às vezes, quando passo pelo quarto da Margarida e da Madalena, fico a olhar para ela e a pensar nesses dias.

Acho que, de certa forma, ficámos todos mais fortes e ligados. Também mais maduros, disso tenho a certeza. E a nossa ciganita é hoje uma miúda muito ativa e engraçada. A cicatriz que tem no peito vai-nos lembrar sempre do que aconteceu, mas é saudável e feliz!

– Pai?

– Sim, Madalena, diz lá.

– Está uma concha no jardim...

– Uma concha?! Foste tu que a trouxeste da praia?

A minha filha disse que não com tanta convicção que quase me desmanchei a rir. Enquanto me puxava para a porta, percebi que não tinha grandes hipóteses de lhe fugir...

– Madalena, o pai tem de trabalhar.

– A concha está a mexer-se muito!

– Que disparate, filha, as conchas não se mexem.

– Os caracóis não se mexem?! Vês? Podem mexer-se.

– Os caracóis não estão em conchas, é diferente.

– Venha ver, venha!

E eu fui. Confesso que ia divertido com a ideia de ver uma concha a andar, mas sabia que isso era impossível. Seria...? Também poderia ter sido a Mariana a atar-lhe um fio de *nylon* só para baralhar a irmã. Enfim, fui, preparado para perceber o que se passava.

Imaginem o meu espanto quando vi um ser a caminhar pelo jardim. Claro que não era uma concha, era um cágado. Estava tão branco, tão branco, que parecia uma concha, isso era verdade. Por onde teria andado? Parecia coberto de caliça, ou farinha, ou outra coisa qualquer. Pus-me de cócoras e olhei melhor. Era enorme! Devia ter muitos anos... Donde viera?

– Olha, Madalena, é um cágado.

– O que é isso?

– É uma espécie de tartaruga, mas não anda na água...

– Não é bem assim, não gostam de água salgada – ouvi dizer atrás de mim. Era o Manuel. – São tartarugas de água doce, se quisermos simplificar. Há duas grandes espécies: os cágados mediterrânicos e os de carapaça estriada. Este é mediterrânico, de certeza.

Desmanchámo-nos os dois a rir! A Madalena revirava os olhos enquanto ouvia o irmão, já farta de saber coisas que não conseguia sequer perceber. Por fim, lá falou:

– Não é uma concha?

– Não – expliquei-lhe. – É uma tartaruga que gosta de andar nos jardins.

– De quem será? – interrogou-se o Manuel. – Nosso não é...

– É, é! Está no nosso jardim, é nosso!

– Madalena, ele deve ter vindo de outro sítio. Se o dono andar à procura dele, temos de o devolver.

– Não!

– Sim, filha, tem de ser.

– Vou tirar-lhe uma fotografia e pôr um anúncio na padaria – propôs o Manuel.

O cágado era mesmo muito grande. Medindo com a minha mão de adulto, tinha mais de um palmo de comprimento. Contudo, a razão de estar completamente branco continuava sem resposta.

Resolvi dar à Madalena a ideia de lavar o cágado. Ela desatou a correr para dentro de casa e só depois percebi que se preparava para o enfiar em água quente e esfregá-lo com uma escova das unhas. Não foi fácil explicar-lhe que não podia ser. Mas tínhamos de o passar por água, isso era verdade.

A Mónica, quando regressou do passeio de BTT com o Filipe, ficou maravilhada com o bicho. Claro, esta minha filha adora animais e penso que também não se importaria nada de ficar com ele. Mas havia um problema adicional – o *Mister*. O cágado não era nada parvo! Sempre que o *Mister* aparecia, escondia-se dentro da carapaça. Bem podia o *Mister* rosnar, que não o conseguiria apanhar.

Durante o banho forçado com a mangueira do jardim, o desgraçado cágado tentava soltar-se, fincando as patas nas mãos que o forçavam a ficar debaixo de água.

– És mentiroso, Manel, ele não gosta de água – disse a Madalena, observando a cena. – Olha para ele, coitadinho!

Pus-me no lugar do cágado, em pensamento, claro, e concluí que, se eu estivesse rodeado de pessoas que me punham debaixo de uma corrente de água, também tentaria fugir. Mas, por fim, lá ficou lavadinho. Assim que o pousámos no chão, o *Mister* atacou outra vez, mas de nada serviu. O cágado já se encolhera todo.

Começámos então a pensar. Ouviam-se umas marteladas ali na rua. Seriam de uma casa em obras? Isso justificaria o pó branco. Resolvi sair do jardim e aventurei-me pela Rua dos Girassóis. A casa do Sr. Albino ficava duas abaixo da nossa. A entrada estava cheia de sacos de materiais, traves – havia muito, mas mesmo muito pó. Senti uma mão na minha, era a Madalena.

– Filha! Não podes sair assim de casa!

– Estou com o pai, não faz mal.

Suspirei. Tenho tanta dificuldade em ralhar à minha ciganita. O Sr. Albino já lá vinha, afogueado e suado. Mal nos viu, abriu o rosto num sorriso simpático.

– Sejam bem aparecidos! Como estão?

– Muito bem. Grandes obras, estou a ver!

– Tem sido uma trabalhadeira... Precisam de alguma coisa de mim?

– Sabe? Apareceu-nos um cágado no nosso jardim, todo coberto de pó... Não será seu?

– Não me digam que o *Alfredo* se escapou!

– Chama-se *Alfredo*? Ele é muito porcalhão, não gosta de tomar banho.

– Tens razão, Maria, ai, Mónica, não, és a Madalena, não és?

– Sou!

– Vamos lá ver se o malandro do *Alfredo* se piscou sem me avisar. – Estendeu a mão à minha filha e encaminhou-nos pela confusão adentro. Agachou-se, levantou uma pedra e rematou: – Safado! Foi-se mesmo embora sem me dizer nada!!!

– É o seu *Alfredo*, então – concluí eu.

– Só pode ser. Como é que ele se foi enfiar no vosso jardim? É mau, não é, Madalena?

– Não, é porcalhão. Mau é o *Mister*, que o quer comer – avisou logo a Madalena. – Mas o *Alfredo* esconde-se – explicou, fazendo gestos com o corpo, como se ficasse sem braços nem mãos e sem cabeça! – Já lhe demos banho. Mas foi sem sabão, foi só mais ou menos.

Eu e o Sr. Albino rimo-nos. Percebi que o homem estava a magicar qualquer coisa. Passados uns segundos, pôs-se de cócoras e falou à Madalena:

– Posso confiar em ti para uma tarefa difícil?

– Pode!

– Ficas com o *Alfredo* até acabarem as obras aqui em casa? Ainda faltam duas semanas ou três. Achas que consegues tratar dele?

– Consigo! – sentenciou a Madalena. – Ele come a ração do *Mister*?

– Pode comer, sim! Mas não te preocupes, ele alimenta-se sozinho quando está no jardim, gosta de grilos, minhocas, essas coisas. Também lhe podem dar casca de ovo, legumes, o ideal é variar. Mas se por acaso tiverem de o meter em casa, podem dar-lhe um preparado especial.

E, entrando na arrecadação e voltando com um pequeno frasco na mão, explicou-nos que aquela era uma comida comercializada para cágado. A Madalena abriu o frasco e franziu o nariz – cheirava a peixe!

Voltámos para casa com uma missão: tratar do *Alfredo*. E que missão!

O trabalho que eu tinha pensado adiantar nesse sábado ficou por fazer, o tempo fugira-me. Entre as conversas acerca do *Alfredo* – com o *Alfredo*! –, o banho e controlar o *Mister*, as horas foram desaparecendo. Aproximava-se o jantar com os avós todos, uma pequena multidão. O Manuel estava em transe com a revista que fizera.

Durante o jantar, as conversas giravam à volta do trabalho da Madalena nas fotocópias, do *Alfredo*, da revista sobre emprego, enfim, foi uma noite divertida.

Senti que a Teté estava um pouco tensa, mas às vezes isso acontece-lhe quando temos muitas pessoas em casa, ou

melhor, muitas mais do que nós. Foi quando já estávamos a deitar-nos que ela conseguiu falar.

– A Madalena tem de ir à consulta de cardiologia na segunda, Mateus, lembras-te? Vens comigo?

Abracei-a e encostei a minha cabeça à dela. De seis em seis meses, acontecia isto à minha querida mulherzinha. Imaginava que os exames davam alguma anomalia, imaginava a Madalena a ter de ser submetida a outra operação, sentia-se sem forças. Não adiantava muito ralhar, nem brincar com o assunto – era demasiado grave para isso. E eu compreendia-a muito bem. Não me lembrara da consulta apenas porque o *Alfredo* viera interromper o meu sábado de trabalho – e ainda bem! – e porque o jantar fora especialmente animado.

– A Madalena está bem, Teté, não vês que está?

– Estará? No dia em que nasceu também nos pareceu que era linda e saudável.

– Já passaram mais de quatro anos, nunca houve problemas, porque haveria agora de aparecer um?

As mãos da Teté torciam as minhas. Nem me queixei, ela estava tão enervada!

– É o nosso bebé...

E os soluços começaram a sacudi-la. Eu assistia a esta aflição de cada vez que a Madalena tinha de ir fazer exames ao serviço de cardiologia. Sempre disfarcei a minha, isso é verdade. Se ficarmos os dois cheios de ansiedade, quem é que nos vale? Também sei que, depois desta

crise de choro, a Teté fica mais calma. E foi isso que aconteceu. Libertou aquela angústia e ficou aliviada.

Limpei-lhe as lágrimas e enchi-a de mimos. Algo me dizia que, dali a dois dias, estaríamos, como nas outras vezes, a rir-nos daquela noite. E estava cheio de razão, foi o que aconteceu! Mas, naquele momento, ainda não sabíamos.

O que sabíamos é que a Madalena estava à porta do nosso quarto com o *Alfredo* na mão.

– Então, querida, o que foi? – perguntei, enquanto a Teté disfarçava os olhos inchados. – Julguei que já estavas a dormir.

– E se ele nunca mais falar, pai?

– Falar?!

– Sim! O Sr. Albino disse que ele não o tinha avisado de que se ia embora, estava até muito zangado com o *Alfredo*! Se calhar, o cágado esqueceu-se de como se fala.

Um sorriso divertido veio do lado da Teté, que escondia mal a vontade de se rir mesmo muito. É tão cómica, a nossa Madalena!

– Se calhar irritou-se com as obras e saiu de lá para ter sossego. – Eu tentava a todo o custo não me desmanchar também. – Deve estar triste porque ficou todo sujo, já imaginaste? Ele, que nem gosta de banho...?

– Pois é, mãe, tu não viste, mas o *Alfredo* detesta tomar banho. Nem lhe lavámos a cabeça! Não deixava...

– Vá, vem lá para o teu quarto. A Margarida não te ralhou por andares a pé? – Ia-lhe dizendo isto enquanto a

encaminhava pelo corredor fora. – O *Alfredo* fica no vosso quarto?

– Fica! E com a porta fechada, para o *Mister* não ser parvo!

Grande vitória, pensei eu, nunca quer ficar com o quarto fechado... O *Alfredo* estava a dar jeito. Mas no último minuto, depois de termos deitado o cágado num pano de pó e de a Madalena se ter enfiado na cama, ela sussurrou-me ao ouvido:

– Como é que ele avisa que se vai embora?

Fiquei mudo. Não fazia ideia do que poderia responder. Inventei!

– Escreve uma carta...

Dei-lhe um beijo de boa-noite e regresssei para o nosso quarto.

